

EAD COMO 'LOCUS' EM NOVA EPISTEMOLOGIA PARA A EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

Silvia Regina Pochmann de Quevedo - Universidade Federal de Santa Catarina -
silviareginaquevedo@gmail.com

Tarcisio Vanzin - Universidade Federal de Santa Catarina - tvanzin@yahoo.com.br

Classe: Investigação Científica

Setor Educacional: Educação Continuada em Geral

Classificação das Áreas de Pesquisa em EaD: Teorias e Modelos

Natureza: Relatório de Estudo Concluído

RESUMO

Contextos complexos da vida na sociedade moderna – em especial com o impacto das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) – geram uma sociedade civil robusta e com um número crescente de organizações sociais. Ao acompanhar essas diferentes formas de manifestações, a escola diversifica-se em formas educativas como a Educação Não Formal, aquela realizada fora da escola, 'ao longo da vida' na concepção da Unesco, na qual a Educação a Distância (EAD) coloca-se como expressão de ensino e aprendizagem. Porém, indefinições conceituais contribuem para a impossibilidade de avançar-se em abordagens teóricas e metodológicas. A partir dos conceitos aplicados à Educação Não Formal e à EAD, à luz de teorias e suas várias aplicações, este artigo busca esclarecer questões conceituais para que se ampliem as fronteiras do conhecimento no campo da Educação Não Formal. A partir de um constructo, conclui-se que a Educação Não Formal atua em campos epistemológicos transversais, de natureza interdisciplinar, que permeiam ou consubstanciam solos epistemológicos e lugares da Educação Não Formal em uma nova perspectiva teórica a contribuir para esse campo em formação.

Palavras-chave: Educação Não Formal; EAD; solos epistemológicos; interdisciplinaridade

1- Introdução

Desde que no século XX a Unesco definiu a chamada “Educação ao longo da vida” como paradigma de uma nova proposta de Educação para a pós-modernidade, várias formas educativas passaram a compor um vasto leque de opções de ensino fora da escola formal, tecendo o que por convenção é chamado de Educação Não Formal.

A Educação Não Formal surgiu no rastro da identificação de uma “crise” na Educação, quando se passou a constatar que a escola tradicional não dava mais conta dos inúmeros desafios colocados no processo ensino aprendizagem. O termo ‘Não Formal’ foi cunhado no final da década de 1960 como decorrência de tal crise, agravada pelo fato de os Estados Unidos terem perdido a corrida espacial para a antiga URSS, o que representou uma derrota do capital no contexto da guerra fria.

Os sistemas formais de ensino passaram a ter seu modelo questionado, o que abriu brechas para novas designações e vertentes de Educação. Contextos complexos da vida na sociedade moderna que geram uma sociedade civil robusta, e com um número crescente de organizações sociais, fazem com que a escola tenda a acompanhar esse processo, ampliando suas formas de manifestação (SAVIANI, 2011).

Com o advento das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), a Educação, como aprendizagem feita por meio de ferramentas e inúmeras linguagens midiáticas, ganhou também uma nova roupagem, caracterizando-se como uma forma de Educação Não Formal, na qual a Educação a Distância (EAD), no contexto específico das TIC, é seu representante mais direto.

Tal complexidade fez emergir inúmeros conceitos para explicitarem-se essas "novas formas" de Educação Não Formal, caracterizando-se, basicamente, como o tipo de Educação desenvolvido fora de parâmetros

curriculares da escola formal. O fato gera até hoje imprecisões quanto ao campo de pesquisa, o que ofusca a reflexão sobre as diferentes abordagens, métodos e técnicas como um meio para se aperfeiçoar a atividade e seus resultados, ou seja, de responder adequadamente às indagações quanto ao futuro em diversos níveis e interesses.

Entende-se, em concordância com Gohn (2010), que a falta da definição de aspectos metodológicos e conceituais é atualmente o maior nó epistemológico no campo da Educação Não Formal. A divisão dos campos de pesquisa exige atenção porque a Educação Não Formal diz respeito a "espaços de educação", não propriamente a sala de aula. Portanto, são espaços que não possuem regulamentação quanto ao aprender, os que os diferencia da Educação Formal. Assim, os temas de ensino e aprendizado devem ser tratados com muito cuidado para não gerar confusão.

Definir conceitos implica delimitar espaços de sua ocorrência. Qual o lugar da Educação Não Formal do ponto de vista epistemológico? Ocorreria, como propõe Trilla (2008), nos âmbitos da formação ligada ao trabalho, ao lazer e cultura, à educação social, à escola? Seria, segundo Gohn (2010), entre outros fatores, um dos núcleos básicos da 'Pedagogia Social', ocorrendo como na EAD, por exemplo, em ambientes e situações interativos, desenvolvida na mídia e pela mídia, formando o indivíduo para a vida e adversidades e não apenas ao mercado de trabalho?

Seriam espaços complementares às ocorrências da escola, como afirmam Bianconi e Caruso (2005), estando relacionada a Organizações Não Governamentais ou do chamado 3º setor, que explodiram na década de 1990 no Brasil, ou nos espaços para uma 'educação social/popular' ? Ou o 'foco de seu argumento', de acordo com Park e Fernandes (2007, apud SIMSON, PARK E FERNANDES, 2014), situa-se nos Movimentos Sociais, dado pelo que as autoras entendem como um caráter de comprometimento ideológico de construção da cidadania (SIMSON, PARK E FERNANDES, 2014).

A proposta do presente artigo é lançar um olhar sobre os campos de pesquisa da Educação Não Formal – na qual se insere a EAD e outras formas de manifestações educativas – à luz de teorias e territórios de aplicação. Identificar e refletir sobre os campos de pesquisa na Educação Não Formal permite identificar e estimular práticas de atuação. O 'campo' ou 'campos' de

seu 'acontecimento' demonstram ser tão *mutatis/mutantis* quanto o seu próprio conceito, considerado como um conceito em construção (GOHN, 2010).

2 - Metodologia

Várias estratégias e abordagens metodológicas foram adotadas para perseguir as lacunas evidenciadas e oferecer uma real contribuição ao campo epistemológico no trato da Educação Não Formal. Para além da tradicional pesquisa bibliográfica, buscou-se realizar pesquisas sistemáticas em bancos de dados computadorizados. Para tanto, procederam-se buscas junto às plataformas Scielo (www.scielo.org), Scopus (scopus.com/home.url) e Web of Knowledge (webofknowledge.com).

A persistência na indefinição relativa à conceituação de 'campos de pesquisa em educação não formal', em relação à 'pesquisas de campo em educação não formal' e a 'abordagens teóricas e metodológicas em educação não formal' conduziu o trabalho à necessidade de aprofundar-se o tema com a técnica de 'entrevistas em profundidade', buscando-se a diferenciação entre os três temas. Foram ouvidos, então, 11 especialistas das áreas de Pedagogia, Psicologia, Linguística, Arquitetura, Matemática, Engenharia, Filosofia, Ciências Sociais na Educação e da própria Educação Não Formal.

Os dados coletados foram sistematizados, conduzindo à construção de quadros comparativos. A partir daí foram identificados os limites das três expressões usualmente utilizadas quando se trata de distinguir o termo 'Educação Não Formal': ou seja, o significado de Educação Informal, Formal e Não Formal. A primeira forma de Educação, a Informal, é reconhecida como oriunda das relações sociais do sujeito ao longo da vida, aquela que se adquire quase que “por osmose”, absorvendo-se as compreensões do mundo por meio das relações sociais estabelecidas entre os indivíduos.

Já a Educação Formal regulamenta a forma de aprendizagem metódica, oficial, reconhecida por lei, que fornece certificação e é composta por um sistema de hierarquia que permite uma escalada educacional. O sujeito aprende, tem isso reconhecido por meio de provas padronizadoras, e, uma vez “testado” pode ascender em uma escalada pelo reconhecimento social, que

espera reverter em ganhos de conhecimento e, por decorrência, do capital, que estima reverter em qualidade de vida.

Atuando fora dos espaços tradicionais da escola, a Educação Não Formal é situada, praticamente de forma unânime, no campo da Pedagogia Social, devido a um esperado caráter de comprometimento com a construção de cidadania. A proposta deste estudo é, ao contrário, ressaltar seu caráter interdisciplinar, que ocorre desde a formação de professores, até sua atuação no âmbito da sociedade atual, revestida de várias formas de expressão. A característica da interdisciplinaridade da Educação Não Formal é apontada por Zucchetti (2012), ao afirmar que a educação no campo social deve ser considerada como área 'transdisciplinar' do conhecimento. ¹

3 - Resultados

Os resultados encontrados apontaram para o fato de os pesquisadores situarem os campos de pesquisa na Educação Não Formal nas formas de 'locus' x 'focus', ou seja, o termo aparece relacionado tanto a "campo de pesquisa" como território, espaço, lugar – a exemplo de Movimentos Sociais – como associado a campos de pesquisa que mantêm uma convergência epistemológica disciplinar, citando-se basicamente o campo da Pedagogia.

A complexidade de abrigar foco e lugar na perspectiva da interdisciplinaridade que a Educação Não Formal requer permite estabelecer novos solos epistemológicos. O pesquisador Olaf Zawaki-Richter professor de Tecnologia Educacional da Universidade de Oldenburg (Alemanha), onde leciona na Escola Superior de Ciências Sociais e no Centro de Aprendizagem ao Longo da Vida, situa as áreas de pesquisa em EAD nos níveis macro, intermediário e micro, subdivididos, por sua vez, em vários subtemas.

O modelo de Richter (2014) pode servir de base a um corte transversal de dimensão interdisciplinar. Assim, ao invés de situar-se a Educação Não Formal no campo exclusivo da Pedagogia Social ou dos Movimentos Sociais, é possível compreender os campos de pesquisa da Educação Não Formal para além de outras áreas de conhecimento, como as demais que perpassam essas áreas nomeadamente disciplinares, compondo um modelo interdisciplinar.

Conforme a Figura 1, novos campos de pesquisa originam-se a partir de um campo que engloba o ensino aprendizagem, como uma semente da qual 'brotam' os demais campos. Esses níveis também apresentam subtemas, doravante adaptados para a Educação Não Formal, porque situam-se no foco das principais discussões da disciplina 'Não Formal'.

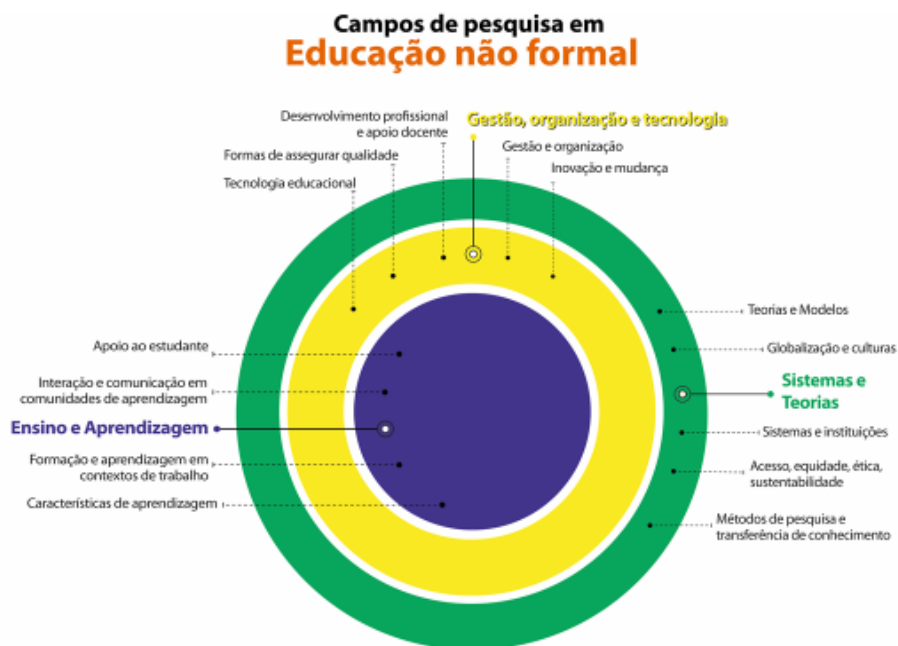


Figura 1: Novos solos epistemológicos à Educação Não Formal

Em se tratando da Educação Não Formal, igualmente, três níveis são concebidos conforme a Figura 1: macro (pertinente a Sistemas e Teorias); Intermediário (Organização, Gestão e Tecnologia) e Micro (Ensino e Aprendizagem). Este último localiza Ensino e Aprendizagem com foco no aluno e no processo; olha para as características dos aprendizes e para as possibilidades de interação e compartilhamento do conhecimento em Comunidades de Aprendizagem, também conhecidas como Comunidades de Prática.

No segundo nível, em que se contemplam os campos de Gestão, Organização e Tecnologia, surgem outros campos decorrentes que são disciplinares: gestão e organização, desenvolvimento profissional e apoio docente, formas de assegurar a qualidade, tecnologia educacional, inovação e mudança.

Um terceiro nível, mais abrangente porque no nível conceitual de representações, é o que trata de Sistemas e Teorias, contemplando quesitos como o estudo de teorias e modelos, globalização e culturas, sistemas e instituições, métodos de pesquisa e transferência de conhecimento e, por fim, o forte apelo de outros paradigmas como acessibilidade, equidade e sustentabilidade. Uma forma de contribuir para a dissolução de preconceitos (contra a EAD inclusive, como se esta não pudesse constituir-se como expressão educativa da mesma forma que a educação presencial).

4 - Discussão

De acordo com Goldenberg (2011) a Pesquisa de Campo não diz respeito ao campo, propriamente dito, enquanto 'locus', mas, antes, à delimitação da natureza da pesquisa. Se ela será “quali” ou “quanti”, com aplicação de técnicas que o pesquisador poderá utilizar para atingir seus objetivos: pesquisa-ação (uma das formas mais utilizadas no campo da Educação Ambiental), observação-participante, pesquisa etnográfica ou biográfica.

É no campo da “Pesquisa de Campo” que o pesquisador aplicará, uma vez definido o modo de como fazer a pesquisa, as técnicas de coleta e interpretação dos dados. Para tanto utilizará de recursos como entrevistas em profundidade, grupos focais, a realização de relatórios, e os posteriores instrumentos de análise dos dados coletados, como análise do conteúdo, análise do discurso e análise crítica do discurso.

Em Abordagens Teóricas e Metodológicas define-se a abordagem teórica que sustenta os conceitos e metodologias de um campo de pesquisa. Que tipo de prática, que instrumentos utilizar junto ao sujeito para a construção do conhecimento. No caso da Educação Não Formal, a arte como expressão da cultura revela-se como eficiente instrumento para incorporação de aprendizagem.

Já "campo de pesquisa" requer um olhar com mais atenção. Com Pierre Bourdieu (1930-2002) sabe-se que um campo de pesquisa segue 'lógicas diferentes', cada qual variando de acordo com seu 'cosmos social' constituído de "conjunto de microcosmos sociais relativamente autônomos; espaços de

relações objetivas que são o lugar de uma lógica e de necessidades específicas e irreduzíveis às que regem os outros campos" (BOURDIEU, 1983, p.31).

Para Michel Foucault (1926-1984) um campo de pesquisa trata de um 'cruzamento de domínios'. Esses domínios são delimitados pela existência de fenômenos culturais, teorias e interpretações responsáveis por gerar uma ordem que advém da realidade: "(...) o solo (epistemológico) é responsável por gerar uma ordem que emana da realidade, buscando revelar a experiência concreta e a percepção dos sujeitos. (...) Não constitui apenas racionalidades e positivities específicas, mas envolve jogos de coerção e limitações que se impõem em dado momento a determinado discurso". (FOUCAULT apud COSTA, GUERRA, LEÃO, 2012).

A partir de tal contexto, é preciso considerar ainda o forte viés social da Educação Não Formal. De acordo com Gusmão e Simson (1989), a Educação Não Formal exige uma atitude política do educador perante a realidade. Esse educador, oriundo de diferentes realidades de foco interdisciplinar, atua por estabelecer uma relação que permite ao aprendiz tornar-se sujeito de sua história, uma vez que a Educação Não Formal pressupõe que os grupos dominados são capazes de criar espaços de 'resistência inteligente' (GUSMÃO E SIMSON, 1989, apud SIMSON, PARK E FERNANDES, 2014).

A 'resistência inteligente' é muito bem explicitada pelo filósofo Michel de Certeau (1925-1986) que coloca o "homem comum", o "homem ordinário" – suposto sujeito da Educação Não Formal – como o grande artífice de sua própria resistência a partir das "artes de fazer" que enfrenta com sua própria "invenção do cotidiano" (DE CERTEAU, 2013, p.59).

É no interstício dos campos interdisciplinares da Figura 1, a partir de um olhar de De Certeau (2013) que se torna possível localizar 'espaços' e 'lugares' dos indivíduos, compondo, igualmente, lugar para a pesquisa. Aí se engajam tempos de territórios físicos (espaços e lugares) e de relações de poder (o campo das relações entre os participantes). Conforme De Certeau (2013, p. 184), "existe espaço sempre que se tomam em conta vetores de direção, quantidades de velocidade e a variável tempo. (...) É de certo modo animado pelo conjunto dos movimentos que aí se desdobram. (...) O espaço é um lugar praticado".

Assim, localizam-se como "espaços e lugares" de pesquisa enquanto território uma miríade de gêneros em Educação Não Formal, a saber: a EAD, a Educação Comunitária, Educação Ambiental, Museus, Manifestações de Arte e Cultura e... os Movimentos Sociais. Há ainda a serem considerados os campos de pesquisa que estabelecem convergência epistemológica disciplinar, como a Pedagogia/Pedagogia Social, Educação, Psicologia, Ciências da Computação, Design e assim por diante, em um grande olhar interdisciplinar.

Considerações finais

A falta de clareza em relação a campos de pesquisa leva à incompreensão do significado entre solo epistemológico/foco e lugar como objeto de pesquisa em Educação Não Formal. Este artigo buscou demonstrar a existência de campos de pesquisa enquanto 'solo epistemológico' no quadro oriundo da interdisciplinaridade, diante das várias demandas que compõem diferentes saberes em se tratando da Educação Não Formal. Isto é, trata-se de uma área que transcende a Pedagogia, enquanto campo disciplinar de pesquisa, não podendo ser ligada exclusivamente a Movimentos Sociais.

Como se viu, é possível definir-se campo de pesquisa enquanto solo epistemológico, embora, para uma fidedigna avaliação, seja importante olhar-se para a Educação Não Formal como território enquanto espaço e lugar e, igualmente, como área disciplinar de convergência epistemológica que, composta por suas lógicas e domínios, compõem o grande campo da interdisciplinaridade. Portanto, não se trata de 'fazer' Pedagogia Social, ou seja, deslocar o campo da Pedagogia dita normal. Trata-se de conservar o campo profissional como uma área interdisciplinar.

Enquanto solo epistemológico, um modelo de definição de áreas para a EAD – ela própria um gênero da Educação Não Formal, no sentido de tecer um conjunto estável de convenções e relações sociais - serve de base a novos solos de investigação, que permeiam os estudos da educação realizada fora da escola. A partir desse constructo, conclui-se que a Educação Não Formal atua em campos epistemológicos transversais, que permeiam ou consubstanciam, por sua vez, espaços e lugares da Educação Não Formal em uma nova perspectiva teórica a contribuir para esse campo em formação.

¹ Não é objeto deste artigo analisar as diferentes conceituações do campo interdisciplinar do conhecimento. Mas é importante ressaltar que, como a Educação Não Formal, esse campo se encontra, igualmente, em movimento, sendo objeto de várias interpretações à base dos prefixos inter/multi/trans. De acordo com o pesquisador Claude Raynaut (2013), do Centro Nacional de Pesquisa Científica da França, também a interdisciplinaridade é "um conceito em construção. (...) Na academia, um esforço específico de abertura faz-se necessário. Vem consigo (o termo) uma grande ambiguidade: não há definição conceitual, não há doutrina estabelecida. Precisamos de uma reflexão para sua aplicação concreta (...). Interdisciplinaridade é a palavra que se fala mais, e com vigor particular no Brasil, graças às ações inovadoras da CAPES".

Referências:

- AFONSO, A. J. **Sociologia da educação não-formal (sic): reatualizar um objecto ou construir uma nova problemática?** In: ESTEVES, A. J. e STOER, S.R. (org.) A sociologia na escola, Porto: Edições Afrontamento, 1989.
- BIANCONI, M.L.; CARUSO, F. **Apresentação Educação Não-Formal (sic).** Disponível em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252005000400013&script=sci_arttext. Acessado em maio 2014.
- BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia.** Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero, 1983.
- CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano/1. Artes de Fazer,** Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- COSTA, F.; GUERRA, J.R.; LEÃO, A.L. **O solo epistemológico de Michel Foucault: possibilidades de pesquisa no campo da administração.** Disponível em <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=273528929013>. Acessado em abril 2014.
- GOHN, M. da G. **Educação Não-Formal (sic) na Pedagogia Social.** Disponível em http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000092006000100034&script=sci_arttext. Acessado em maio de 2014.
- GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar.** São Paulo: Editora Record, 2003.
- NAKASHATO, G. **A educação não-formal (sic) como campo de estágio: contribuições na formação inicial do arte/educador** (Dissertação). Instituto de Artes. Programa de Pós-Graduação em Artes. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), 2009.
- RAYNAUT, C. **Simpósio Internacional sobre Interdisciplinaridade no Ensino, na Pesquisa e Extensão – Região Sul.** Anais. Universidade Federal de Santa Catarina – Florianópolis, 2013.
- SAVIANI, D. **Educação em Diálogo.** Campinas: Autores Associados, 2011.
- SIMSON, O.R. de M. von; PARK, M.B.; FERNANDES, R.S. **Para saber a diferença entre educação não-formal (sic) e informal.** Disponível em http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/agosto2007/ju367pag12.html. Acessado em maio 2014.
- TRILLA, Jaume. **A educação não-formal (sic).** In: ARANTES, V. A. (org.). Educação formal e não-formal (sic): pontos e contrapontos. São Paulo: Summus, 2008.
- ZAWAKI-RICHTER, O. **Áreas da pesquisa em Educação a Distância.** Disponível em <http://www.uni-oldenburg.de/paedagogik/web/olaf-zawacki-richter/>. Acessado em abril 2014.
- ZUCCHETTI, D.T. **Educação Não Formal e o Educador Social.** Resenha. Educação, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 137-138, jan./abr. 2012. Disponível em <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/viewFile/9299/7549>. Acessado em maio 2014.